

# NOSSA AMÉRICA E A OBRA DO HERÓI CUBANO JOSÉ MARTÍ

Hugo Fanton  
Jornalista

Hugo Fanton



*Instalação do  
Museu Moncada  
reúne Martí e  
Fidel*

*“Já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever de impedir em tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se estendam pelas Antilhas e caiam, com essa grande força, sobre nossas terras da América”. Os vaticínios de José Martí, pensador do século 19, herói da guerra de libertação contra a Espanha, ecoam até hoje nas palavras de Fidel Castro e de intelectuais da América Latina. No ensaio **Nuestra América**, a crítica da condição colonial é ponto de partida e de chegada para quem luta pela soberania do continente*

Muitos anos depois, frente aos magistrados de Fulgêncio Batista, o comandante Fidel Castro se lembraria daquela tarde remota em que conheceu o pensamento de José Martí: “O homem que se conforma em obedecer a leis injustas, e permite que pisem, no país em que nasceu, os homens que o maltratam, não é um homem honrado”. Foi assim, recorrendo às palavras daquele que é até hoje seu maior inspirador na luta pela soberania de Cuba, que Fidel defendeu o assalto ao Quartel Moncada em 26 de julho de 1953, ano do centésimo aniversário do natalício de Martí. O então jovem revolucionário inspirou-se em uma vida e obra que seguem atuais na reflexão sobre o contexto político latinoamericano e mundial.

Poeta, escritor, advogado e jornalista, Martí é considerado o

principal mártir da guerra de independência cubana contra a Espanha. Nascido em 28 de janeiro de 1853, fora preso já aos 16 anos, acusado de traição à Coroa por redigir uma carta em que criticava um amigo recém integrado ao exército espanhol para combater os independentistas. Deportado, estuda direito, filosofia e letras na Espanha, de onde partiria para viver em diferentes países da América, como Estados Unidos, México e Guatemala. De volta a Cuba em 1878, tornou-se um dos fundadores do Clube Central Revolucionário, gesto que o levou novamente à deportação, desta vez para Nova Iorque.

Nos Estados Unidos, adquiriu renome graças aos artigos e crônicas publicados em jornais de cidades como Caracas, Buenos Aires, Cidade do México e Nova Iorque.

Decide então mudar-se para a Venezuela, onde fundaria a *Revista Venezuelana*, sua última iniciativa antes de regressar a Cuba. “Quando volta, Martí afirma que a República a ser fundada na pequena ilha do Caribe teria de ser diferente. Não como a metrópole espanhola, e tampouco como as repúblicas que derivaram dos processos independentistas americanos. Ele aprendeu que o espírito solidário das revoluções de 1810 fora sequestrado pelas oligarquias, e o espírito da colônia seguia vivendo nas repúblicas. A história da América é a história dos sequestros”, explica Carlos Rodríguez Almaguer, vice-presidente da Sociedade Cultural José Martí.

Em 1882, o pensador se reintegrou ao processo de organização revolucionária de Cuba, dirigido por Máximo Gómez Báez e Antonio Maceo. Entre idas e vindas, apenas em



Fotos: Hugo Fanton

Estátua na entrada do Memorial José Martí, em Havana

1892 o grupo logrou redigir as bases e estatutos do Partido Revolucionário Cubano. O caminho para a guerra seria construído com arrecadação de recursos em viagens a diferentes países da América, e com a redação de um programa, conhecido como o “Manifesto Montecristi”, escrito na República Dominicana pouco antes do embarque em direção a Baracoa, na Província do Oriente de Cuba. Lá, Martí redigiria sua última carta, afirmando: “Já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever, posto que o entendo e estou disposto a realizá-lo, de impedir em tempo com a independência de Cuba que os Estados Unidos se estendam pelas Antilhas e caiam, com essa grande força, sobre nossas terras da América. Tudo o que fiz até hoje e farei, é para isso”.

Assim, Martí resume aquilo que já era uma das bases de seu pensa-

mento, expresso em ensaios como o *Nuestra América*, publicado em 1891. “O grande sonho de Martí era ter sua ilha totalmente livre do domínio colonial da Espanha e das aspirações imperiais dos Estados Unidos. E teceu suas críticas desde as estranhas do monstro”, explica Almaguer. “Enfrentar o império se converte em palavra de ação na obra martiana, e a partir disso começa seu trabalho por unidade dos povos da América”. Desse modo, sua obra e ação política se fundam sobre o princípio de que todas as pessoas deveriam “unir-se em uma só organização política”, continua. “Sabia Martí que o afã de protagonismo poderia nos dividir”, e frente a isso era necessário “servir, ser útil e solidário”.

Humanista e autor de escritos voltados à construção de uma ética universal, com valores de solidariedade entre os povos, Martí “se vê obrigado

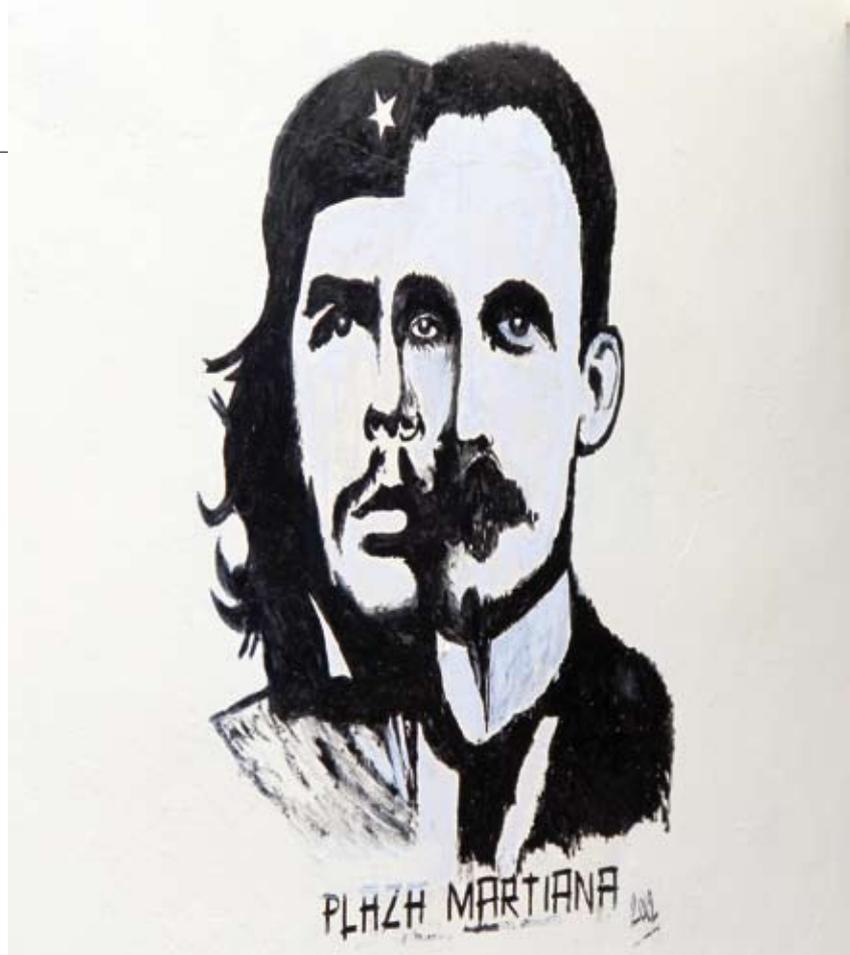


Imagem pintada em muro nas ruas da cidade de Artemisa

a organizar uma guerra, porque a Espanha não oferece outra alternativa”. Para os que desejavam uma Cuba livre, era preciso “se organizar em torno de um partido revolucionário, em que a unidade é garantia da independência da República”. Assim, afirma Almaguer, *el apóstol* fundamentou um princípio político que muito tempo depois faria “possível à Revolução Cubana se manter viva por mais de 50 anos frente ao imperialismo dos Estados Unidos”, ou seja: “O feito de que, abarcando todas as opiniões, os cubanos que desejam uma Cuba livre, soberana e independente se organizam em um só partido. O partido único em Cuba não foi uma criação da revolução nem uma ideia de Fidel, mas vem como parte indissolúvel da tradição cubana de pensamento na luta contra o imperialismo”.

A seu ver, está deitada sobre tais raízes a contínua luta por fazer avan-

çar o socialismo em Cuba. “Enquanto o mundo traiu todas as ideias e projetos possíveis de mudança social, por oportunismo dos homens e pela miséria humana, pudemos resistir. Passamos por uma década terrível nos anos 1990, uma época em que o mundo discutia quando a revolução cubana iria abaixo. Não sabíamos o que comer, o que vestir ou como iríamos nos transportar. Só sabíamos que nosso dever era defender a Revolução, e isso importava mais”.

***A luta contra o imperialismo e pela autonomia do povo cubano tornou-se uma expressão prática dos conceitos de Martí. O ensaio “Nuestra América” pretende fixar “conceitos que possam abranger e articular a variedade de culturas dentro da concepção de que existe nossa América”, diz o antropólogo Andrés Puig***

A luta contra o imperialismo e pela autonomia do povo cubano tornou-se então uma expressão prática dos conceitos formulados por Martí. Seu ensaio até hoje mais lido e publicado, *Nuestra América*, é considerado uma “crítica da condição colonial”, que tem por propósito “oferecer conceitos que possam abranger e articular a variedade de culturas dentro da concepção de que existe nossa Amé-

rica”, afirma o antropólogo Andrés Puig, do Centro de Investigações e Estudos Superiores em Antropologia Social, de Chiapas, no México. O intento martiano era “construir uma macroidentidade, não étnica, mas política, que estaria alimentada pela variedade de culturas dos povos que habitam este continente, incluindo os originários dos Estados Unidos”.

Nesse contexto, a crítica da condição colonial faz de *nossa América*, enquanto conceito, um ponto de partida e de chegada para aqueles que lutam pela soberania dos povos do continente. “Assim, faz Martí uma distinção entre comunidade política e comunidade de cultura”, explica Puig. A proposta de uma América que é nossa resume a formulação conceitual de uma macrocomunidade política, “que se constrói a partir da aliança política, da articulação de nossos povos, que é possível precisamente porque há uma luta comum contra a condição colonial”. A crítica às distintas expressões do imperialismo permitiu a formulação de um conceito e uma proposta política de unidade dos povos na luta por libertação e autonomia. “Independentemente de quais sejam nossas correntes de pensamento e modos de vida, a condição colonial nos une e identifica claramente onde está o problema de nossos povos, em que a dominação colonial existe. Hoje em dia chamam de globalização, mas isso nada mais é do que a face do colonialismo contemporâneo”.

Ao contrário do pensamento europeu vigente na época, que estabelecia uma relação direta entre nação e homogeneidade cultural, “diz Martí que nossa América tem uma variedade étnica que nos é comum, cabendo

a nós articulá-la diante dos objetivos políticos de emancipação”. Para Puig, no pensamento martiano está muito bem correlacionada a autonomia de cada povo americano e a luta contra a dominação imperial. “Se os povos originários não caminham, não caminha nossa América”. Em Martí, os povos não devem abandonar seus caminhos próprios ou deixar de preservar sua comunidade de cultura, mas sim “construir uma grande comunidade política, caracterizada pela variedade de culturas, condição colonial e desigualdade social”.

Sobre estas bases conceituais reside, então, a “possibilidade de se criar uma antropologia latinoamericana”, que articule a maneira de ver seus próprios povos com “a concepção martiana de criar a macroidentidade política de nossa América”. Esse, complementa Puig, “é justamente o compromisso de Martí com a liberdade, que torna possível uma antropologia comprometida com a descolonização de nossos povos”.

Nesse sentido, diretamente relacionada à ideia de comunidade política está a formulação martiana de que “Pátria é humanidade”. Almaguer afirma que a pátria do cubano “é o mundo”, sobretudo onde estão os “pobres da Terra”. A solidariedade entre os povos fomentada por Cuba se fundamenta no princípio de Martí “de que o ser humano verdadeiro não deve estar onde se vive melhor, mas onde está o dever”, uma vez que “ninguém tem o direito de dormir tranquilo enquanto algum ser humano estiver infeliz”.

Assim, é possível estabelecer uma diferença entre a ilha de Cuba e a pátria cubana. “Para ser cubano de

Cuba, a pátria, não é requisito indispensável ter nascido na ilha. Como para ser inimigo de Cuba, a pátria, não é requisito indispensável ter nascido em outras terras. Há inimigos tenazes da pátria Cuba que desgraçadamente nasceram na ilha”. Por isso, o humanismo de José Martí que deu origem ao patriotismo cubano, um dos fundamentos da Revolução de 1959, em nenhum momento histórico levou a posições chauvinistas e xenófobas. Pelo contrário, o princípio de que pátria é humanidade “imprimiu nos estatutos constitucionais da Revolução um artigo para declarar filho por natureza de Cuba o comandante argentino-cubano Ernesto Che Guevara”, lembra Almaguer.

Por isso, em meio à crise civilizatória por que passa o mundo contemporâneo, o pensamento martiano é invocado para apontar alternativas políticas. Nas palavras de Armando Hart Dávalos, diretor da Oficina do Programa Martiano, uma instituição que tem por função coordenar as atividades no país relacionadas a vida e obra do pensador, “só com a visão integradora e de dimensão global, de que pátria é humanidade”, é que poderão ser enfrentados, exitosamente, os dramáticos desafios postos à frente dos que lutam por transformações profundas que permitam o fim das desigualdades. “Essa é uma ideia que inspira e mantém os milhares de médicos, enfermeiros e engenheiros cubanos junto ‘aos pobres da Terra’”. É preciso, a seu ver, assumir que “a humanidade está enferma”, e são cada vez maiores os desafios colocados neste século XXI. “Todos os impérios empreendem ações desaperadas para tentar deter o inevitá-

vel, para manter sua dominação. Não vacilam no uso da força para manter a exploração de recursos de todo mundo e o modelo consumista que provoca aumento das desigualdades e de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza”.

Diante disso, Dávalos entende que a humanidade deve desenvolver ações conjuntas frente à profunda crise do capitalismo, que é de “caráter civilizatório, pois abarca não apenas a economia, mas todas as esferas do sistema”. Há uma maquinaria de guerra que ameaça seriamente nossa sobrevivência, socializa prejuízos e concentra riquezas. “Desse modo, é tarefa de primeira ordem a luta pela paz”, fundada sobre os preceitos éticos do pensamento martiano.

***Para Martí, cabe à sociedade promover o acesso de todas as pessoas ao conhecimento, pois este é fundamento da liberdade. “Ao dizer que ‘ser culto é o único modo de ser livre’, e ‘ser bom é o único modo de ser feliz’, ele afirma a necessidade de se ensinar verdades elementares para que o ser humano esteja à altura de sua época”***

Tal olhar para a sociedade, a partir de uma ética humanista, levou Martí a correlacionar o conceito

de que “pátria é humanidade” com fundamentos pedagógicos que tornariam possível uma comunidade política de novo tipo. “O mundo melhor não será construído por geração espontânea. O ser humano de que falava Martí será o mesmo ‘homem novo’ de Che. Temos de construir o mundo melhor hoje, aqui e agora, com homens e mulheres novos, que busquem realizar a melhor obra possível desde o lugar em que se encontram”. Almaguer ressalta que, para Martí, o dever do indivíduo é fazer tudo o que está ao seu alcance para que a história não o possa declarar culpado pelo sofrimento humano, e a pátria não o possa chamar de cúmplice da dominação.

Cabe, então, à sociedade, promover o acesso de todas as pessoas ao conhecimento, pois este é um fundamento da liberdade. “Ao dizer que ‘ser culto é o único modo de ser livre’, e ‘ser bom é o único modo de ser feliz’, Martí afirma a necessidade de se ensinar um grupo de verdades elementares para que o ser humano esteja à altura de sua época e de seus povos”. Junto aos conceitos, está ainda o exemplo pessoal e coletivo vivenciado no dia-a-dia, no conduzir da Revolução: “Temos um mundo que nos motiva e um império que nos agride, por isso não podemos ficar parados. Uma revolução imóvel é uma revolução morta. Por esse motivo ela segue seu curso, como uma escola, caminhando para melhorar o ser humano”.

Também para Héctor Hernández Pardo, subdiretor geral da Oficina do Programa Martiano, Martí está na gênese do processo revolucionário cubano, e “sua presença espiritual,

seu legado ético, patriótico e antiimperialista, têm valor estratégico para o futuro da pátria”. Trata-se de uma formulação política que “desenha a nação cubana para todos os tempos e representa os esforços de nosso povo pela emancipação política, justiça e libertação social”. Disto vem a relação entre seu pensamento e a ação de líderes históricos cubanos como Antonio Maceo e Fidel Castro, “seu mais extraordinário discípulo, que liderou a grande epopeia que constitui a revolução cubana, uma das páginas mais gloriosas da história universal”.

Hoje, em Cuba, há um programa nacional de educação conduzido pela Oficina do Programa Martiano e por organizações de massa e do Estado. “São particularmente meritórios o empenho das escolas com crianças e adolescentes e os planos de formação de professores. Há igualmente um trabalho relevante de disseminação da obra de Martí no setor da cultura, nas forças armadas e entre os jovens”, todos responsáveis por pensar Cuba e construir conhecimentos a partir dos princípios éticos do pensador. “Martí é patrimônio de nossa América, dos povos caribenhos e latinoamericanos, patrimônio universal. Seu pensamento pode ser bússola para orientar os passos de quem deseja construir um mundo melhor, independente de suas crenças religiosas e posições políticas”.

Para lograr esse propósito, é necessário superar “a doutrina neoliberal” de que as ideias não têm mais importância, bem como “a visão etnocentrista e eurocentrista de que as ideias só se gestam nas grandes metrópoles do Norte”, adverte Pardo. “Martí é, desde o Sul, um pensador



**Túmulo de Martí, em Santiago de Cuba**

universal. Temos o dever de nos esforçar cada vez mais para internacionalizar estudo e conhecimento de sua vida e obra”, entende Pardo.

***“Se com alguma coisa temos sabido honrar o herói, foi demonstrando que um país pequeno e pobre, ainda que cometendo erros inevitáveis de aprendizagem, pode fazer muito com muito pouco”, afirmou Fidel em discurso proferido no 150º aniversário do natalício de Martí (2003)***

Além do ensaio *Nuestra América*, Martí publicou textos literários e jornalísticos, em que analisa a realidade política e econômica de diferentes países americanos. Sua obra em espanhol está reunida em uma coleção de 27 volumes, sendo mais conhecidos

os livros de poesia *Versos Sencillos*, *Versos Libres*, *Flores del destierro* e a publicação infantil *La edad de oro*.

Fidel Castro, que recuperou o pensamento martiano na sua auto-defesa no julgamento pelo assalto ao Quartel de Moncada, no famoso discurso publicado com o título “A história me absolverá”, voltaria a recorrer a Martí na análise da realidade política latinoamericana e mundial em diferentes contextos. No discurso proferido no encerramento da Conferência Internacional Pelo Equilíbrio do Mundo, em homenagem ao 150º aniversário do natalício de Martí, em 2003, afirmou: “Se com alguma coisa temos sabido honrar o herói, cujo fecundo natalício comemoramos hoje, foi demonstrando que um país pequeno e pobre, ainda que cometendo erros inevitáveis de aprendizagem, pode fazer muito com muito pouco. O maior monumento dos cubanos à sua memória é ter sabido construir e defender esta trincheira, para que ninguém possa mais cair com uma força sobre os povos da América e do mundo. Aprendemos dele o valor infinito e a força das ideias”.